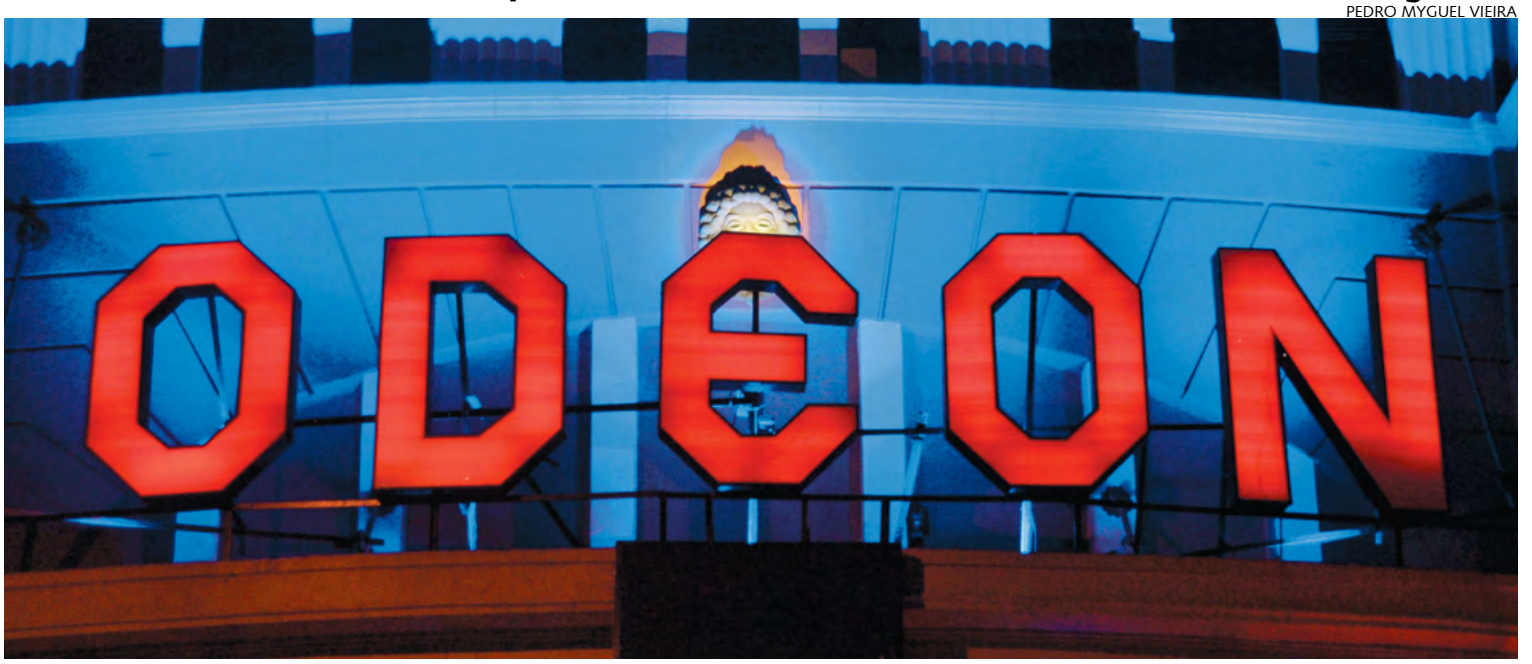
JORNAL DA PUC

Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários Ano XXVII Nº 291 8 de junho de 2015

Reabertura do Odeon marcada por parceria

Universidade e Grupo Severiano Ribeiro firmam aliança

PEDRO MYGUEL VIEIRA



Tradicional fachada do Cine Odeon, na região da Cinelândia, no Centro do Rio de Janeiro, foi mantida após transformação em Centro Cultural

O Cine Odeon, último cinema da Praça Floriano Peixoto, região conhecida como Cinelândia, é reaberto como Centro Cultural Luis Severiano Ribeiro. O espaço vai receber, além da exibição de filmes, sessões de ópera, balé, festivais, seminários e outras atividades culturais e acadêmicas. A nova fase do espaço é marcada pela parceria entre o Grupo Severiano Ribeiro e a Universidade. A iniciativa vai beneficiar alunos, professores e funcionários, que vão ter descontos em ingressos. **PÁGINA 3**

Arquitetura agora é um departamento

No dia 21 de maio, foi realizado um coquetel para celebrar o novo Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU). O curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU), criado em 2002 como multidisciplinar e interdepartamental, cresceu de maneira rápida e consolidou-se dentro da Universidade. O DAU abrange ainda o Programa de pós-graduação em Arquietura (PPGArq.) **PÁGINA 4**

Diabetes: um problema de saúde pública

Os riscos e as complicações da diabetes provocados pela obesidade podem levar a problemas cardiovasculares, falhas no sistema nervoso, e até à cegueira. Avanços tecnológicos são a principal esperança para que seja controlada a doença. A partir deste ano, novos tratamentos e medicamentos chegam ao mercado brasileiro. **PÁGINA 9**

Lembranças de um lugar histórico

Um memorável espaço da-PUC, a Vila dos Diretórios esteve presente desde a fundação da Universidade na Gávea. De moradia de funcionários a foco de resistência contra a Ditadura Militar, além de celeiro de novos talentos artísticos, o lugar reúne uma coletânea de histórias e personagens diversos entre si. **PÁGINAS 6 E 7**

ACERVO NÚCLEO DE MEMÓRIA

Fuscas se alinham na alameda da Vila dos Diretórios nos anos 1970

Nova acústica põe sala entre as top 10

A Sala Cecília Meireles, na Lapa, ganhou tratamento acústico moderno que a coloca entre uma das melhores do mundo, segundo o diretor do espaço, João Guilherme Ripper. A reforma aliou a aparência contemporânea ao já tradicional painel modernista, característico da sala. **PÁGINA 12**

PEDRO MYGUEL VIEIRA

Reforma da sala usou a madeira como elemento de design e de acústica

REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., ressalta, no artigo desta edição, que a próxima conferência, a COP 21, em Paris, representa uma chance oportuna para que as metas futuras para as questões socioambientais sejam traçadas, dentro de um consenso solidário e responsável. **PÁGINA 2**

Exposição DNA Carioca agita os pilotis

PÁGINA 5

REITOR

A esperança pelos caminhos da ética

As dificuldades de consenso sobre as grandes questões socioambientais que afetam a vida do planeta, o equilíbrio dos ecossistemas e as relações com a sociedade têm sido uma constante nas grandes conferências, em especial sobre as mudanças climáticas. A próxima conferência em Paris parece ser uma chance oportuna para que as metas futuras sejam traçadas, em um consenso solidário e responsável, quebrando barreiras e enfrentando uma problemática que afeta toda sociedade mundial presente e futura.

No entanto, além das discussões técnicas e políticas, que muitas vezes dificultam os consensos, é fundamental uma abordagem mais ética, onde aspectos humanísticos e religiosos estejam presentes, clamando por valores que transcendem os enfoques ideológicos, que, nos últimos anos, têm gerado dissensos entre os representantes das nações e de setores da sociedade civil. Neste sentido, nasce uma esperança na nova abordagem ética da tão esperada Encíclica do Papa Francisco, que sairá nos próximos meses, abordando as questões socioambientais. Certamente, este documento terá um impacto grande na mídia e nas discussões preparatórias para a Conferência COP 21, em Paris, chamando a atenção sobre a dignidade da Criação, a necessidade de repensar valores e comportamentos, a preocupação com o mundo dos pobres que mais sofrem os efeitos das mudanças climáticas, e a responsabilidade de todos como guardiães dos bens colocados em nossas mãos pelo Criador.

Temos esperança de que os caminhos da ética, propostos pelo Papa Francisco, possam trazer um novo horizonte de profundidade, iluminando as discussões técnicas e as decisões políticas, e superando os impasses sobre as questões relevantes. Somente uma espiritualidade inspiradora é capaz de tocar as mentes e corações das pessoas que têm poderes decisórios, percorrendo transversalmente as diversas abordagens, e atendendo o clamor de povos e nações que já experimentam as consequências dos desequilíbrios ambientais e sociais. A experiência tem nos mostrado que, além do enfoque científico, é necessária uma visão ética, humanística e religiosa sobre os grandes problemas da humanidade, em escala local e global.

Cheios desta esperança é que aguardamos a chegada desse novo enfoque, na certeza de que o seu impacto atingirá não somente o mundo das diferentes religiões, mas também todas as instâncias culturais e educacionais que, cansadas dos dissensos e da falta de soluções concretas e corajosas, aguardam uma nova postura que possa iluminar os debates e construir consensos sobre as questões vitais para o futuro da humanidade.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Educação: todos somos responsáveis

Li o discurso do recém-nomeado Ministro da Educação, Janine Ribeiro, na transmissão do cargo, e me senti aludido, desafiado. Não simplesmente por trabalhar numa instituição educativa, a PUC-Rio, mas me senti desafiado pessoalmente e como cidadão. No seu discurso aparece claro que a educação não é um dever simplesmente da União federal, dos Estados e Municípios, mas de todos nós. Todos podemos e temos que contribuir de diversos modos, direta e indiretamente, para que a educação melhore no nosso País.

Essa contribuição se dá de diversos modos. Em primeiro lugar, mostrando para os que nos rodeiam, sobretudo para as crianças e os jovens, que todos podemos nos educar e aprender sempre mais. Temos que estimulá-los com a nosso exemplo a fazer cada vez um uso mais pleno das suas capacidades. Mostrar-lhes que a "educação" não é um fim em si mesmo, mas um meio para o nosso pleno desenvolvimento como seres humanos, para melhorar a nossa qualidade de vida, ou como diz o Ministro, a educação "é o instrumento decisivo para a justiça social e para uma cultura de paz", hoje tão necessárias.

Para melhorar a educação no nosso País e consequentemente contribuir para uma sociedade mais justa e "inclusiva", recursos são necessários. O ministro sublinha que não é apenas a União, nem são apenas os Estados e Municípios que são chamados a economizar, mas todos nós. Cada real poupado, por exemplo, no uso da energia elétrica, na impressão de papéis, "será conquistado para a educação".

■ PE. FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR DA PUC-RIO

www.aaapucrio.com.br

Leia o Jornal da PUC na internet
www.puc-rio.br/jornaldapuc

CRÔNICAS DE MEMÓRIA
A PUC-Rio e os 450 anos da cidade

Igualdade e diferenças

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO/ACERVO CENTRO DE PASTORAL ANCHIETA

Nos pilotis da PUC-Rio, a diversidade do Rio de Janeiro (2000)

Vários caminhos permitem pensar a relação entre diferentes culturas, práticas, grupos e classes sociais. A PUC-Rio, acompanhando uma tendência de abertura para a diferença e a interação, vem se abrindo para abraçar a sociedade em sua multiplicidade. Nesse contexto, a comemoração do aniversário do Rio de Janeiro nos faz refletir sobre o papel das pessoas que por aqui passam e que é fundamentalmente o legado que a Universidade deixa para a Cidade e para o país.

A Universidade foi criada visando à formação de uma elite intelectual católica e por muito tempo a imagem e a identidade dela esteve ligada a um grupo social restrito. Essa percepção vem sendo gradual e firmemente alterada.

Na década de 70, tem início o programa de Bolsas de Estudo e em 1994, em parceria com o Pré-Vestibular Para Negros e Carentes, parte das bolsas passa a ser reservada para alunos negros e pobres. Nessa década, multiplicam-se grupos de pesquisa sobre multiculturalismo, inclusão social, questões de gênero e religiões. Com o tempo, passa-se a pensar não só a inclusão dos alunos no ensino superior, mas também nos meios que garantam a conclusão dos cursos.

Nos anos 2000, a noção de diversidade orienta as políticas acadêmicas, através do fortalecimento de ações afirmativas, da internacionalização da Universidade e dos diálogos interreligiosos e interculturais.

O que entendemos por igualdade no contexto da cultura escolar por nós herdada pressupõe homogeneidade e uniformização. Quando exclui-se a diferença, impede-se a aceitação do outro. Ainda assim, a interação entre distintas culturas, costumes, práticas e visões de mundo vem se tornando capital. Devemos lembrar de "lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem [e] lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize", como afirma o sociólogo Boaventura de Sousa Santos.

■ ANDRÉ PENNA FIRME
E YASMIN GETIRANA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC
Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. **Coordenadora-Adjunta:** Profª. Julia Cruz. **Coordenadora-Administrativa:** Rita Luquini. **JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora:** Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora e Chefe de Reportagem:** Profª Adriana Ferreira. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Profª. Mariana Eiras. **Fotografia:** Prof. Weiler Finamore Filho. **Ilustração:** Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial:** Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. **Anúncios produzidos pela Agência.Com. Redação e Administração:** Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone:** 3527-1140. **E-mail:** impresso.comunicar@puc-rio.br. **Impressão:** gráfica Folha Dirigida.

Cultura: Parceria entre Universidade e Grupo Severiano Ribeiro marca nova fase do último cinema de rua da Cinelândia

Odeon é revitalizado como Centro Cultural

Alunos, professores e funcionários vão ganhar descontos

ANA COSTA E RAYANDERSON GUERRA

PEDRO MYGUEL VIEIRA

Tradicional fachada do Cine Odeon é mantida após inauguração do espaço cultural

Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., e professor Miguel Pereira na reabertura

Fechado desde junho do ano passado para manutenção, o Cine Odeon, último templo cinematográfico da Praça Floriano Peixoto, região conhecida como Cinelândia, no Centro do Rio de Janeiro, reabriu, no dia 20 de maio, rebatizado como Centro Cultural Luiz Severiano Ribeiro. Nesta nova fase, além da exibição de filmes, o espaço vai receber sessões de ópera, balé, festivais, seminários e outras atividades culturais e acadêmicas. A transformação do Cine Odeon ainda consolida a parceria entre o Grupo Luiz Severiano Ribeiro e a PUC-Rio.

Com esta iniciativa, alunos, professores e funcionários da Universidade que apresentarem a carteira da PUC na compra de ingressos vão obter descontos promocionais. Ao adquirir uma entrada, inteira ou meia, o visitante ganha outro bilhete da mesma categoria. Além disso, haverá uma sessão mensal do Cineclube PUC, com a exibição de filmes produzidos por alunos e ex-alunos do curso de Cinema. A Mostra PUC-Rio/Kinoplex de Cinema também vai fazer parte da programação, com o conteúdo produzido nas disciplinas de Projeto de Filme I e Filme II.

Para Luiz Severiano Ribeiro Neto, presidente da rede Kinoplex, do Grupo Severiano Ribeiro, recuperar um local histórico, como o Odeon, é um presente pelos 450 anos da cidade carioca. De acordo com ele, a internet não é uma concorrente do cinema de rua porque as pessoas têm a necessidade de sair de casa.

– Não queremos blockbuster aqui. Não quero passar *Os Vingadores*, não quero passar *Homem de ferro*. A ideia do Sergio Sá Leitão (diretor de programação do Centro Cultural) é poder passar filmes como *Star Wars*, mas não o novo e sim o lançado há 20 anos. Manter um cinema de rua é um desafio, mas gostamos de desafios e acreditamos no que estamos fazendo.

O primeiro filme projetado na tela do novo Cine Odeon foi o longa-metragem *O Vendedor de Passados*, dirigido por Lula Buarque de Holanda, da Conspiração Filmes. A pré-estreia da obra, após a cerimônia de reabertura do novo espaço, deu início às atividades culturais do lugar. Para Lula, a revitalização do polo cinematográfico é importante para manter a história da cidade e impacta na relação entre o espectador e o filme.

– O Odeon é um cinema que eu frequentei a vida inteira, ele traz uma experiência quase do passado, porque é muito difícil você ter um cinema que una tantas pessoas. A experiência de assistir a um filme em uma sala de cinema, com 600 pessoas, é totalmente diferente de ver um pelo tablet. Muda totalmente a emoção. Sem contar que as paredes contam histórias. É muito gratificante exibir o filme pela primeira vez no Odeon.

Durante a solenidade, o Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., após discursar, aspergiu água benta na sala de cinema, abençoou o local, e desejou que o Cine Odeon nunca feche. Ele também ressaltou a importância de preservar a tradição cinematográfica e estimular a reflexão acadêmica.

– A parceria entre o Grupo Severiano Ribeiro e a PUC-Rio permitirá manter esse espaço tão valioso da antiga Cinelândia. O que possibilita uma programação cultural que valoriza a riqueza e o potencial do cinema brasileiro e abre espaço para uma reflexão mais profunda sobre a importância do cinema na transmissão de valores que fazem parte da nossa brasilidade.

A programação do novo centro cultural já tem confirmados, para este ano, o Festival do Rio, o Festival Varilux de Cinema Francês e o festival de filmes de animação Anima Mundi.

Novidade: Curso de Arquitetura e Urbanismo ganha maior autonomia e haverá mudanças também no Escritório Modelo

Universidade cria novo departamento

Objetivo é manter ensino, pesquisa e extensão integrados

ALINE RÍPOLI

Para celebrar a criação do novo Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU), foi realizado, no dia 21 de maio, um coquetel no Salão da Pastoral. No encontro, estavam o Reitor da Universidade, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., o Vice-Reitor Acadêmico, professor José Ricardo Bergmann, o Decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), professor Paulo Fernando Carneiro de Andrade, a diretora do novo Departamento, professora Maria Fernanda Lemos, além de professores do curso e de outros departamentos.

Criado em 2002 como multidisciplinar e interdepartamental, o curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) cresceu de forma considerável: entre o final de 2006 e 2014, o número de alunos saltou de 259 para 586. Além da consolidação do curso, houve, em 2012, a criação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PPGArq). A diretora Maria Fernanda Lemos afirmou que, entre as mudanças, haverá uma nova organização do Escritório Modelo, o que possibilitará a criação de mais projetos.

– O Escritório Modelo sempre funcionou com os dois cursos, Arquitetura e Urbanismo e Design, e agora vamos ampliar o Escritório Modelo de Design, que vai ganhar outras áreas, e o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo vai continuar funcionando em outra sala, é uma separação somente de espaço físico.

O Vice-Reitor Acadêmico destacou a trajetória do curso de Arquitetura e observou que o Departamento de Arquitetura nasceu dentro do Departamento de Artes e Design, o que revela o dinamismo e a qualidade acadêmica da PUC-Rio.

– Passei por várias cerimônias, e ficava feliz de ver toda a alegria e o entusiasmo dos alunos interessados, toda aquela discussão sobre arquitetura. E hoje, temos esta área de atividade consolidada. Tanto na área de ensino, como na área de pesquisa com o curso de pós-graduação em arquitetura, que se consolida, e, certamente, em pouco tempo teremos o curso de doutorado. Faz parte do projeto que permite aos professores terem realmente uma carreira plena dentro da instituição – assinalou Bergmann.

PEDRO MYGUEL VIEIRA

Diretora do novo departamento, professora Maria Fernanda Lemos

Para o decano do CTCH, a criação do novo departamento foi um passo necessário, que reflete o resultado da capacidade organizacional da instituição.

– A PUC-Rio é organizada por departamentos, que são unidades básicas que integram pesquisa, ensino e extensão. É também lugar primeiro da colegialidade. Acredito que foi mais que necessário dar esse passo, de um curso consolidado, com atividades de pesquisa, de ensino, para que se tornasse agora um departamento.

O Reitor da Universidade lembrou a trajetória do curso de Arquitetura e Urbanismo na PUC e destacou a importância do trabalho em equipe.

– Gostaria de agradecer aos envolvidos nesse projeto, em que muitos contribuíram com um tijolo e cada tijolo foi importante para a construção desse edifício. Alguns iniciaram o processo, outros pegaram o bonde andando, mas acho que hoje nós temos um motivo de unir tudo isso.

Religião: Encontro também comemorou os 50 anos do final do Concílio Vaticano II, que abriu a Igreja para o debate

Seminário de Teologia defende o diálogo plural

Líderes religiosos discutiram questões relacionadas à exclusão, opressão e desigualdade social no mundo

EDUARDO MANHÃES E GABRIELE ROZA

A PUC-Rio foi o local escolhido para a realização do V Simpósio Internacional de Teologia. Foi destaque a presença do sobrevivente da ditadura militar em El Salvador, padre Jon Sobrino S.J.. Engajado em projetos sociais, o sacerdote escapou do massacre ocorrido em uma comunidade jesuíta em novembro de 1989, na capital do país, San Salvador. Além disso, ele era amigo e colaborador de Dom Oscar Romero, defensor dos direitos humanos e crítico ao regime militar, recém-beatificado pelo Papa Francisco.

Jon Sobrino comentou sobre o título do Simpósio, Caminhos de Libertação: Alegrias e Esperanças para o Futuro. Ele disse que o tema significa a maneira com a qual se deve seguir a jornada pessoal. Essa caminhada, assinalou, deve ser baseada no exercício da justiça, amor e humildade, em unidade com a Igreja e com o olhar direcionado ao futuro. Além disso, o padre expressou felicidade pela beatificação de Dom Romero e ressaltou que, mais importante que torná-lo conhecido, é mostrar o seu legado de fé.

O encontro comemorou os 50 anos do final do Concílio Vaticano II e os 50 anos da Revista Internacional de Teologia Concilium. Também participaram da Conferência o presidente da revista Concilium, padre Felix Wilfred, e a professora da Boston College Lisa Cahill. Na ocasião, padre Felix Wilfred ressaltou questões relacionadas à desigualdade, inclusão e o diálogo inter-religoso. Já Lisa manteve a fala voltada à opressão das mulheres na sociedade.

A professora da Boston College ministrou a segunda conferência do encontro. Lisa se considera uma teóloga feminista, e entende que a desigualdade entre as mulheres precisa ser questionada como saída das injustiças sociais. Para ela, as mulheres estão em um lugar desigual em todas as áreas da sociedade.

– As mulheres sofrem uma pressão dupla de todas as violências. Entre os pobres, a mais pobre. Entre os oprimidos, a mais oprimida. Entre os silenciados, a mais silenciada.

O presidente da Revista Concilium, padre Felix Wilfred, professor da Universidade de Madras, na Índia, abordou a questão da desigualdade e da exclusão social. Para ele, a realidade desses problemas permanece oculta. Padre Wilfred destacou o afastamento em relação às pessoas que são excluídas socialmente.

– É preciso discutir e contribuir para transformar as desigualdades. Excluindo, privamos a comunidade de novas culturas e experiências. A comunidade perde com as vítimas de exclusão. As vítimas têm falta de oportunidade, não falta de talento.

No Simpósio, estiveram presentes também o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro Dom Paulo Cezar Costa e o Reitor da Universidade padre Josafá Carlos da Siqueira, S.J..

Exposição: Alunos da disciplina de Laboratório em Publicidade mostram visões da cidade carioca

Um olhar do Rio pelos estudantes

Mostra DNA Carioca movimentou os pilotis do Kennedy

MATHEUS PAULO MELGAÇO

Dos dias 25 a 29 de maio, os pilotis da Ala Kennedy não foram os mesmos. Ao longo da semana, todos que chegavam se deparavam com a exposição DNA Carioca, elaborada pelos alunos do 6º período de Publicidade, da disciplina Laboratório de Publicidade I, do Departamento de Comunicação Social. Coordenada pelos professores Cristina Bravo e Marcos Barbato, a mostra, com 18 instalações, representou um pouco da identidade do carioca e de símbolos do Rio de Janeiro com criatividade e interatividade tecnológica, em comemoração aos 450 anos da cidade.

A semana foi embalada por diversas atrações, dentre elas o estande do Rock in Rio, onde os alunos paravam para relembrar os shows de artistas que pisaram no palco carioca. A diretora de Marketing do Rock In Rio, Agatha Areas, ministrou uma palestra, no dia 28 de maio e foi um complemento para o estande. O grafite saiu das ruas para os pilotis e enriqueceu a semana. O hábito de beber sucos, a brincadeira do jogo da memória com os chinelos, as novelas de Manoel Carlos e a transmissão ao vivo da Rádio Cidade foram ainda algumas das muitas atrações que chamavam a atenção de quem passava pelos pilotis.

A música do estande do Circo Voador e do Rock in Rio animava alunos e visitantes. Os candidatos a próximos astros da música cantavam os sucessos de Beyoncé e Cazuza. A aluna do curso de Psicologia, Tatiana Amoreira foi atraída pelos estudantes que dançavam no estande do Rock in Rio. Para ela, a exposição mostrou o Rio de diferentes formas e mídias.

– As pessoas que gostam de andar de bicicleta, os que são adeptos ao carnaval, a arte do grafite que faz parte da nossa cidade, os que frequentam as casas de shows. Bem a nossa cara – comentou.

A interatividade e a tecnologia não faltaram. O estande O outro sentido do Rio levava pessoas à descoberta de sons que passam despercebidos diariamente. Em outro espaço, Qual o sabor tem seu Rio, os expositores utilizaram a tecnologia com uma mesa interativa, em que algumas frutas imitavam as setas de um teclado de computador e uma televisão que mostrava o panorama da cidade do Rio de Janeiro em 360º graus. Ao tocar nas frutas era possível observar a cidade de diversos ângulos.

As bicicletas que compõem o cenário da cidade também foram expostas para debater a questão da mobilidade urbana na cidade. Uma ciclovia foi montada nos pilotis, com diversos modelos de bicicletas que representavam os diferentes cariocas que andam diariamente pela cidade. Em destaque, estava a bicicleta em bambu chamada de Bambucicleta, produzida na Universidade, em 1995, pelo então aluno de Design Flavio Deslandes. Os expositores também colocaram a frase "Não há bicicleta aqui. Ela foi roubada. E Jaime foi morto a facadas", em manifesto à morte do médico Jaime Gold, na Lagoa Rodrigo de Freitas, no dia 19 de maio. Integrante do grupo, Max Denvir explicou que a ideia foi expor o Rio do futuro, quando as bicicletas, para ele, serão o principal meio de transporte da cidade.

– O estande representou o Rio que nós vemos no futuro. Cada bicicleta correspondeu às identidades do carioca, um arquétipo diferente de quem vive na cidade e usufrui desse meio de transporte. Desde o pai que leva o filho na escola, o jovem que vai à faculdade, o esportista que precisa de uma bicicleta mais robusta ou a menina que quer a bicicleta da moda – explicou.

Aluna do curso de Psicologia, Juliana Barrozo se dirigia à Vila dos Diretórios quando se deparou com a exposição. Ela disse que ficou impressionada com a estrutura da mostra. Segundo Juliana, os estandes conseguem demonstrar bem o jeito carioca, pois abordam características que marcam o estilo dos moradores do Rio, como o Carnaval, as bicicletas e os sucos da fruta.

– Gostei muito da exposição porque retrata o estilo carioca, e não se esquece dos personagens da cidade, como o vendedor da praia e o comerciante. Bem interessante. Além de ela ser bem interativa – observou.

A mostra também recebeu a visita de alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Arthur Ramos. Os meninos e meninas se divertiram com os estandes e a interatividade que eles proporcionavam. Para a professora da escola Patrícia Gomes, o espaço é ideal para que os alunos possam conhecer o que é uma exposição e ver o Rio de uma forma diferente.

– É importante para eles interagirem na exposição e verem coisas diferentes, que não estão no dia a dia. Os estandes estão interagindo com jogos, desenhos, movimentos. Eles adoraram – afirmou.

FOTOS MATHEUS SALGADO

Estudantes organizam os estandes que representaram a cidade do Rio de Janeiro durante toda a semana

> "O estande das bicicletas representou o Rio de Janeiro que nós vemos no futuro"
> Max Denvir

Reitor da Universidade, padre Josafá, interage com os alunos de Publicidade

História: Desde a implantação da Universidade na Gávea, a vila se firmou como espaço de convívio para a diversidade

O ambiente que simboliza a PUC

Alunos, professores e funcionários resgatam memórias

ALESSANDRA MONNERAT
E ARTHUR MACEDO

ACERVO COMUNICAR

A Vila servia para a moradia de operários que trabalhavam nas fábricas têxteis que funcionavam na Gávea

De um lado, os departamentos, espaço dos docentes. Do outro, centros acadêmicos, lugar dos alunos. No meio, duas grandes filas do bandejão. Se, no cotidiano, a Vila dos Diretórios abriga diversidade de pessoas, na história do lugar essa pluralidade é ainda mais evidente. Da origem, nos anos 1950, como moradia de operários, passando pelos tempos de resistência à ditadura, nos anos 1970, até a efervescência cultural dos anos 1990, a Vila se firmou como um ícone da Universidade.

O caráter transitório da população da Vila, de estudantes que se formam todos os anos, mantém o ambiente renovado. O lugar se consolidou como um espaço para pautar os anseios da comunidade acadêmica, discutir políticas locais e conhecer gente nova. Vice-Reitor Comunitário da Universidade, professor Augusto Sampaio, estudante de Sociologia da PUC a partir de 1961, afirma que a Vila formou a consciência cidadã de uma geração de alunos.

– A Vila me ajudou a pensar. Lá foi onde minha cabeça começou a ser exercitada, até porque eu vim de outra origem. Meu pai era militar, e eu fui aluno interno de um colégio militar, na Tijuca, por sete anos. Vim para a PUC fazer Sociologia e, na Vila, eu formei a minha consciência conversando, ouvindo.

As casas da Vila foram erguidas no início do século XX para servir de moradia a operários que trabalhavam nas fábricas que funcionavam na Gávea. Quando a Universidade começou a ser construída no bairro, em 1951, parte dessas casas tornou-se residência dos trabalhadores da obra e de suas famílias. Era comum ver crianças correrem pela rua de paralelepípedos.

> **“Devia haver o tombamento da Vila, pois amanhã ela pode ser demolida”**
> Professor Augusto Sampaio

Com a inauguração do campus, em 1955, o local passou a ter dupla função, para atividades acadêmicas e para moradia de funcionários solteiros da PUC. Um desses ex-moradores é Antônio José de Albuquerque Filho, funcionário da Universidade desde 1968 e fotógrafo do Núcleo de Memória a partir de 1972.

Por um pequeno aluguel, descontado no salário, ele morava sozinho em uma das casinhas de um quarto, que, relembra, tinha poucos móveis, não muito atrativos. Embora a configuração mudasse de uma casa para outra, a de Antônio tinha apenas uma pequena cozinha e nenhum banheiro. Para tomar banho, ele e os outros rapazes precisavam ir a uma área comum do lado de fora. Antônio conta que, ao se mudar para a Vila, em 1968, ele acompanhou de perto um dos momentos mais agitados da Universidade e do Brasil.

– Na época, eu era funcionário da Biblioteca, ficava muito tempo restrito às minhas atividades. Depois, com a fotografia, pude acompanhar tudo mais de perto. Na minha época, os alunos eram muitos envolvidos com as greves, com a invasão da Universidade, o fecha-tudo. De vez em quando nós tínhamos que participar ou pelo menos tomar conhecimento nas conversas. Cada diretório tinha uma espécie de cantina onde se vendiam flâmulas. Todo mundo queria se representar.

O uso da Vila como espaço de discussão política começou a ganhar destaque nos anos 1960, quando algumas das casinhas foram ocupadas pelos Diretórios Acadêmicos. Na Ditadura Civil-Militar, o lugar virou símbolo de resistência e ficou conhecido pelo nome Vila Vermelha, na qual os centros acadêmicos mais movimentados eram os da Engenharia e do Direito. Os alunos se beneficiaram do fato de a PUC ser uma universidade particular, o que dificultava a invasão do Governo no campus, ocorrência mais comum em faculdades públicas. A Universidade também promoveu a contratação de professores que, exonerados de outras instituições, encontraram abrigo na PUC.

Mesmo assim, não faltaram momentos dramáticos, como a invasão do campus em julho de 1968, a prisão de professores e de alunos, além do assassinato de Raul Amaro Nin Ferreira, o único caso entre alunos da PUC. Um dos líderes do Movimento Solidarista Universitário, o ex-estudante de Engenharia foi torturado e morto por agentes do Estado em agosto de 1971. A história dele é contada no livro *Raul Amaro Nin Ferreira: relatório*, da Editora PUC, escrito pelos sobrinhos de Raul. Professor Augusto observa que a Vice-Reitoria fez questão de pagar pela publicação da narrativa.

Ele conta que estava em uma mesma festa que Raul na noite em que o estudante foi preso. O rapaz saiu do encontro para levar uma amiga em casa, no Leme, e foi parado em uma blitz. Como todo brasileiro era obrigado a andar com a identidade naquela época, o documento estava quase ilegível por causa do uso. Os policiais pegaram a de Raul e não conseguiram identificá-lo. Após revistarem o carro dele, acharam um mapa no porta-luvas, que concluíram ser de alguma organização de resistência ao regime militar, e o levaram preso. A partir desse momento, a história dele passou a ser acompanhada de perto pelo professor Augusto, que lembra emocionado das circunstâncias da prisão e das vivências sofridas pelo estudante.

– Após o prenderem, nós nos mobilizamos para tentar avisar ao Exército que ele tinha um problema cardíaco. Lá, Raul foi torturado e levado para o HCE, o Hospital Central do Exército. No HCE, autorizaram ele ser interrogado, onde ele foi torturado e morreu. A mãe dele não sossegou enquanto não conseguiu esclarecer a morte do filho.

A vida de Raul está tão ligada com a Vila que hoje seu nome batiza outra forma de vida no local: uma árvore que foi plantada em junho de 2014. Ele também deu nome ao Diretório Central de Estudantes (DCE) da Universidade. Coordenadora do Núcleo de Memória, professora Margarida de Souza Neves, compareceu ao plantio da árvore na alameda. Ela destaca este como um dos momentos mais importantes da Vila, a consolidação de um

ANÍBAL MESQUITA

A alameda de casinhas ficou conhecida como a sede de festas, manifestações e discussões políticas estudantis

período conturbado, que viveu como aluna, de 1964 a 1968.

– Foi uma época difícil, mas muito rica. Aprendemos o exercício da cidadania em condições adversas. Era uma geração muito generosa, que acreditava em ações coletivas. Eu vivi essa geração.

Na década seguinte, Margarida passou pela experiência PUC com a ótica de docente. Dessa época, a professora ressalta a organização política de professores em torno da Associação de Pós-Graduandos (APG), com sede na Vila. Juntos, os docentes enfrentaram situações como a crise financeira da Universidade, em 1986, e conquistaram direitos como o de limitar aos departamentos a decisão de demitir professores. O Brasil vivia um contexto diferente, de redemocratização, como recorda a professora.

– Era um momento de abertura política. A PUC ganhou visibilidade como um espaço que representava a possível liberdade.

Essa abertura influenciou diretamente o cenário que se formaria na Vila nos anos 1990, de grande ebulição cultural. Festivais, shows e festas apresentavam o que se produzia na cidade em música, poesia, dança e performance. Uma das testemunhas dessa cena foi Rafael Rusak, então aluno de Comunicação Social e hoje professor do mesmo departamento. Integrante da banda Mamute, ele dialogava com outros grupos, como o Los Hermanos, Urubu Sertão, Ideia Rara e Dread Lion.

– Antes de entrar na PUC, eu já frequentava, com dois amigos que estudavam aqui, as atividades culturais que eram desenvolvidas na Vila. Era liberdade, era cultura, era música, era poesia, era arte, tudo explodindo em ebulição, aquela loucura toda acontecendo e sem regras, sem limites. Então, quando eu me deparei com aquilo, eu pensei: é aqui que quero estudar. E acabou realmente se concretizando.

Atualmente, são oito casas do lado esquerdo, que abrigam o ambulatório, a casa dos seguranças e diretórios. São outras cinco do lado direito, que incluem o Departamento de Ciências Sociais, o Instituto de Relações Internacionais, o Laboratório de Metalurgia e Materiais, além de uma casa em construção. A Vila mantém características que a marcaram desde que passou a fazer parte da PUC. O convívio interdisciplinar e a defesa dos interesses dos estudantes continuam a ser marcas daqueles que frequentam as casinhas.

Para o estudante de Engenharia Ambiental Fábio Mehlem, 23 anos, lá é um espaço dos alunos para os alunos. Estudante de Direito e atual presidente do DCE, Pedro Duarte Jr., 25 anos, afirma que, independente do curso, a política da Vila faz os universitários aprenderem a lidar bem com pessoas e egos. Há também quem se sustente no local, como Antônio Elias Baptista, de 60 anos, conhecido como Toninho do salgado. Ele era funcionário da PUC, mas decidiu trabalhar na Vila para adquirir uma renda melhor.

– Trabalhei na Engenharia Civil por 11 anos. Não me aposentei, mas minha fonte de renda agora é só aqui. Convivo com os alunos há 25 anos na Vila vendendo salgados. Não tem preço a convivência que escolhi, são muitas histórias de jovens. A gente se renova com pessoas novas que vêm.

Para o aluno de Engenharia Civil Thiago Medeiros, de 22 anos, os estudantes sempre são os personagens da Vila, que a renovam a cada período. Ele acredita que o lugar tem importância para todos que convivem na Universidade devido à união dos alunos, tanto no passado quanto no presente. O Vice-Reitor Comunitário resume a importância da Vila em um aspecto: a necessidade de um tombamento.

– Já ocorreram propostas de fazer uma espécie de área comercial, área de alimentação, onde é a Vila. Acho que devia haver o tombamento da Vila, porque amanhã ela pode ser demolida.

ACERVO COMUNICAR

Atualmente, na Vila, existem oito casas do lado esquerdo e cinco do lado direito, além de uma casinha em construção

Reciclagem: Longe de ser descartado de forma incorreta, material é utilizado em projeto inovador com bom custo-benefício

Função alternativa para pneus

Muros de contenção servem para evitar deslizamentos em áreas de risco

PEDRO MALAN

MATHEUS SALGADO

Professor de Engenharia Civil da PUC-Rio Alberto Sayão adaptou ideia francesa e iniciou o projeto no Brasil

Um dos graves problemas ambientais do Brasil é a grande quantidade de pneus usados que são descartados de forma incorreta, o que provoca sérios danos ao meio ambiente. Outro problema que o país enfrenta, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, são os constantes deslizamentos de encostas e áreas de riscos. A solução encontrada para os dois casos é reutilizar o pneu inservível na inovadora Engenharia de Pneus, com a construção de muros de contenção que estabilizam as encostas erosivas.

Os muros, no entanto, não foram uma ideia vinda de brasileiros, mas sim de franceses, que já utilizavam o chamado "pneu-solo" em certos terrenos. Ao ver o potencial da Engenharia de Pneus, o professor de Engenharia Civil da PUC-Rio Alberto de Sampaio Ferraz Jardim Sayão, em parceria com a Fundação Instituto de Geotécnica (Geo-Rio), adaptou a ideia para um uso tropical, com a ajuda financeira da Universidade de Ottawa, no Canadá, e começou a trabalhar em uma pesquisa que virou realidade.

Segundo Sayão, em 2000, mais de 30 milhões de pneus inservíveis foram utilizados nas mais diversas aplicações, como, por exemplo, barreiras de impacto e ruído, defensas para navegação, encontro de pontes, construção de residências de baixo custo, pisos, pavimentos, aterros leves e reforçados e, principalmente, muros de contenção que estabilizam áreas de risco.

– O pneu tem custo zero, pois o conseguimos como lixo. É o material perfeito para a construção dos muros, pois é muito resistente. Usamos o próprio solo do lugar para preenchê-los e, quanto mais peso tiverem, mais estável deixarão a encosta – explica Sayão, membro vitalício do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Mecânica dos Solos e Engenharia Geotécnica (ABMS), a qual ele foi presidente por quatro anos, de 2004 a 2008.

O professor relata que, neste processo de construção, o pneu dispensa equipamentos pesados e mão de obra qualificada. Ele conta que um muro pode ser erguido em qualquer tipo de terreno que esteja sujeito à erosão, mas o trabalho deve ser feito de forma cautelosa, uma vez que erros na execução, como por exemplo arranjos incorretos e bases instáveis, podem prejudicar mais ainda a situação da encosta.

Contudo, Sayão explica que um muro construído corretamente tem capacidade de evitar o escorregamento de uma encosta por um longo tempo, pois um pneu demora, aproximadamente, centenas de anos para se decompor. Um bom exemplo é o muro construído há vintes anos, em Jacarepaguá, pela PUC-Rio em parceria com a Geo-Rio. O paredão de 70 metros de comprimento e 4 metros de altura evita o deslizamento da encosta desde então. Os pneus do muro são difíceis de se ver por conta da vegetação que os cobriu, já que são preenchidos com o próprio solo do local, o que facilita o crescimento de plantas.

– O custo-benefício da construção destes muros é excelente. É um projeto eficaz, que dá resultado, além de ter um baixíssimo custo – ressalta Sayão.

A reutilização de pneus usados também é importante para combater a proliferação da dengue, pois os pneus conservados em locais abertos podem servir como grandes criadouros para larvas do Aedes aegypti, mosquito transmissor da doença. Além disso, os pneus são altamente inflamáveis e, por isso, incêndios são muito comuns em aterros de decomposição.

Para o professor, com o reuso de pneus usados, estes problemas podem ser combatidos, e os prejuízos ao meio ambiente e à saúde do ser humano, diminuídos. Alberto Sayão acredita que esta reutilização é, portanto, valiosa para a natureza, e que esta prática só tende a aumentar no futuro.

Medicina: Segundo o pesquisador Alexandre Benchimol, 90% dos diabéticos estão acima do peso

Obesidade como causa de diabetes

Dieta e exercícios físicos auxiliam na prevenção da doença

GIULIA SALETTO

Nos últimos anos, a diabetes tem sido uma grande preocupação para a saúde pública no Brasil. Os riscos e complicações da doença podem levar a problemas cardiovasculares, falhas no sistema nervoso e até a cegueira. E os principais vilões responsáveis pelo desenvolvimento da diabetes tipo 2 em adultos são a obesidade e o excesso de peso.

Segundo o médico Alexander Benchimol, pesquisador do Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia (IEDE) e da Escola Médica da PUC-Rio, cerca de 90% dos diabéticos tipo 2 estão acima do peso, o que demonstra conexão entre o excesso de peso e a doença. Para ele, há uma epidemia no país, tanto de obesidade como de diabetes, com um número preocupante de casos que aumentam a cada ano.

– As duas epidemias caminham juntas. A obesidade aumenta e vemos o risco de diabetes aumentar. De acordo com as estatísticas deste ano, 52.5% dos brasileiros estão acima do peso. Infelizmente, os dados são crescentes – aponta.

Para reduzir esses números, é necessário que as taxas de obesidade e excesso de peso também diminuam. Além dos medicamentos, é fundamental que o paciente diabético mude os hábitos, faça atividade física e adote uma dieta balanceada. De acordo com o pesquisador, é uma forma tanto de controle como de prevenção da doença.

– Fazer atividade faz parte do tratamento. Isso é importante, porque pode ajudar na prevenção da diabetes. O indivíduo que tem uma vida mais saudável tem menos risco de desenvolver diabetes, assim como outras doenças. E o paciente que já tem a doença, pode conseguir controlá-la e evitar complicações.

Os 12 milhões de diabéticos no país torcem cada vez mais para avanços tecnológicos que possam ajudar no controle da doença. A partir deste ano, novos tratamentos e medicamentos chegam ao mercado brasileiro e prometem uma qualidade de vida melhor aos pacientes. No início de 2016, o mercado deve receber um aparelho com sensor que pode avaliar os níveis de glicose sem precisar furar o dedo do paciente. A facilidade no monitoramento e na avaliação vai permitir uma melhora no tratamento também.

DIOGO MADUELL

Além disso, uma nova categoria de medicamento, chamado gliflosina, vai propiciar a eliminação da glicose pela urina e, assim, reduzir os níveis de açúcar no sangue. A eliminação da substância resulta em uma baixa da pressão arterial e até facilita a perda de peso, que pode ajudar os pacientes que têm dificuldade de emagrecer.

Mesmo com todos os avanços nos tratamentos da diabetes, Benchimol ressalta que a prevenção da doença é tão importante quanto o tratamento. Especialmente porque a diabetes é uma doença assintomática, ou seja, não apresenta sintomas muito aparentes. Uma estatística preocupante é saber que metade dos pacientes que sofre de diabetes tipo 2 não sabe que tem a doença. De acordo com Benchimol, muitos pacientes não procuram tratamento exatamente por isso. Os sintomas principais, como sede e excesso de urina, só começam a aparecer quando as taxas de glicose no sangue já estão muito elevadas. Normalmente, o aumento ocorre de forma lenta e menos agressiva, com isso, o paciente não sente muitos sintomas e não procura avaliação médica.

– É importante que todo mundo faça uma avaliação médica regularmente, em especial os indivíduos que estão acima do peso e têm um risco maior – aconselha.

O médico ainda reforça que ser portador da diabetes não significa viver uma vida de sofrimento. A pessoa que muda os hábitos consegue levar uma vida saudável e tranquila. Ele orienta que é necessário se tratar para que não haja complicações como pressão alta ou a falta de sensibilidade dos nervos.

A dentista Solange Ferman foi diagnosticada com diabetes tipo 2 durante a segunda gravidez, quando os exames de pré-natal evidenciaram uma alta de glicose no sangue. Para ela, aceitar a condição não foi muito fácil no início. Solange contou que, ao descobrir a doença, ficou muito assustada e chegou a entrar em uma fase de negação.

– A história de todas as pessoas que conheço e que ficaram diabéticas é igual. Primeiro, você leva um susto, fica desesperada, e se acha injustiçada frente à vida.

Solange percebeu que, se conhecesse melhor sobre a diabetes, ela seria capaz de se conscientizar e tratá-la de modo efetivo.

Depois de fazer um curso de educadora de diabetes e se aposentar, Solange decidiu participar da Associação dos Diabéticos da Lagoa (Adila), que recebe vários pacientes diabéticos para todo o tipo possível de ajuda.

– Nossa associação, que fica no Hospital da Lagoa, atende gratuitamente todos os diabéticos com testes de glicemia e busca desenvolver educação sobre a doença.

Arte: Morto em abril de 1994, músico é humanizado no filme 'Montage of Heck', do diretor americano Brett Morgen

GETTY IMAGES

O outro lado do vocalista Kurt Cobain

Documentário mostra detalhes da vida pessoal do líder do Nirvana

ALESSANDRA MONNERAT E CAIO SARTORI

Desenhos e anotações de Kurt Cobain ganham vida no documentário *Montage of Heck*, em uma aproximação pessoal inédita com a vida do ex-líder do Nirvana, que cometeu suicídio em abril de 1994. Produção da HBO em parceria com a família de Cobain, o filme busca humanizar o músico, com relatos que vão da infância, em Aberdeen, Washington, aos últimos momentos da carreira da banda que bagunçou o cenário musical na década de 1990. O longa-metragem estreia no Rio pela Rede Cinemark, com sessões em Botafogo e na Barra, nos dias 18 e 20 de junho.

Em oito anos de pesquisa, o diretor Brett Morgen teve acesso a inúmeros vídeos e áudios caseiros e a cerca de 4 mil páginas de cadernos com diários, letras de música, listas de bandas favoritas e de metas a serem cumpridas. Com o material, é o próprio Cobain quem conduz a narrativa. Editor da revista Bizz na época da explosão do Nirvana, André Forastieri vê a iniciativa com bons olhos, mas receia ser mais do mesmo.

– A expectativa é boa. Mas não sei o quanto tem de novo para se falar. A vida do Kurt já foi tão escavada que eu não consigo imaginar uma abordagem nova. Tem um aspecto que não abordaram muito, que é o de fã. Ele era um nerd de rock e montou uma banda porque queria ser como os caras que ele ouvia. Se eu fizesse um documentário sobre ele, faria do Kurt até os 18 anos.

O cantor cresceu em um meio conturbado, marcado pelo divórcio dos pais. Depois do episódio, Cobain lidou com a rejeição da mãe e do pai, e começou a descontar as frustrações na música. Quando descobriu o punk rock, encontrou um refúgio, que mais tarde influenciaria diretamente os discos do Nirvana. Editor-chefe e repórter do programa Fantástico, Álvaro Pereira Júnior estava nos Estados Unidos quando o primeiro álbum da banda, *Bleach*, de 1989, foi lançado. Ele assistiu a um show do grupo em Boston, perto da cidade onde estudava, e comprou uma camiseta das mãos do vocalista.

> "O Nirvana foi a última banda a transformar desintegração em arte"
>
> Silvio Essinger

– Na época, não percebi como eles seriam grandes. Eu e um amigo ficamos prestando atenção em uma mina linda o show inteiro. Em Boston, não vi a amargura que o Kurt tinha. Só no show que eles fizeram no Morumbi *(em 1993)* consegui perceber. Eles mudaram de uma banda iniciante para um fenômeno gigantesco.

O crítico musical do jornal O Globo Silvio Essinger também presenciou a passagem da banda pelo Brasil. Ele foi ao show no Rio, em janeiro de 1993, que descreve como "a única vez em que a Apoteose tremeu de verdade". Porém, Essinger acredita que a música do grupo não se traduz tão bem para os dias de hoje, em que, para ele, o rock ficou menos perigoso e mais artificial.

– Quando eles tocaram *Smells Like Teen Spirit*, o concreto balançou. Foi mítico assistir a toda aquela fúria. O Nirvana foi a última banda a transformar desintegração em arte. Mas hoje eu não escuto mais. Já não me bate do mesmo jeito. Tinha uma coisa adolescente que para mim se perdeu. Continua potente, mas não envelheceu tão bem quanto o Black Sabbath ou o The Who.

Apesar da música, um dos aspectos mais lembrados da vida de Cobain continua a ser o suicídio com um tiro de espingarda na cabeça. O documentário apresenta alguns elementos que podem ajudar a montar o quebra-cabeça dessa decisão: o uso de ritalina na infância, o divórcio dos pais, o consumo de drogas desde a adolescência, o histórico de suicídios na família. Porém, como ressalta o psicanalista Marcus André Vieira, professor do Departamento de Psicologia, só o suicida entende suas razões.

– O suicídio ultrapassa nossa capacidade de entendimento e, ao mesmo tempo, não conseguimos não tentar entendê-lo. Talvez o melhor documentário seja aquele que não tente nenhuma hipótese. Do ponto de vista freudiano, as explicações não dão conta do suicídio, elas servem para que possamos viver com o suicídio. Porque o ato é impensável, imprevisível. É, por definição, uma loucura.

Sociedade: Mesmo com a Lei Maria da Penha, o Brasil ainda é o sétimo colocado no mapa de agressão contra a mulher

Vítimas de violência definida pelo gênero

Casos de estupro e homicídio cresceram no Rio em 2014

GABRIELE ROZA

A décima edição do Dossiê Mulher, elaborado pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), mostrou que, apesar de muitos avanços terem sido alcançados com a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), a violência contra a mulher no Estado do Rio de Janeiro não diminuiu e as tentativas de estupro e homicídio cresceram em 2014 quando comparadas a 2013. Neste ano, a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104 /2015) foi sancionada e soma esforços na luta contra a violência de gênero no Brasil. A nova lei qualifica o assassinato de mulheres como crime hediondo, cuja punição é mais severa do que a aplicada nos casos de homicídio simples.

No Mapa da Violência, que avalia 87 países, no quesito número de homicídios contra mulheres no mundo, o Brasil ocupa o sétimo lugar, com 4,4 assassinatos para 100 mil mulheres. A violência por razão de gênero é frequente entre as jovens. A pesquisa realizada pelo Instituto Avon, em parceria com o Instituto Data Popular, revelou que três a cada cinco jovens já sofreram alguma agressão no país.

São diversos os casos relatados diariamente nas delegacias especializadas. O advogado e professor do Departamento de Direito Breno Melaragno, 41 anos, conta o caso de uma mulher de 40 anos que procurou ajuda no Escritório Modelo da PUC-Rio. Ela havia terminado um relacionamento, porém, o ex-companheiro, de 60 anos, passou a persegui-la. Após as denúncias, o homem foi intimado a obedecer as Medidas Protetivas, como a de manter distância da mulher, mas ele não cumpriu o que a lei determina.

– Ele continuou perseguindo, e, depois disso, ela nos procurou. Recolhemos provas de que ele estava descumprindo as Medidas Protetivas. A juíza analisou e ele saiu da audiência preso preventivamente. A juíza entendeu que a intimação, mesmo sob pena de prisão, não foi o suficiente. Ele ficou um mês e meio preso e, depois disso, não voltou mais a persegui-la.

> "Ações afirmativas são necessárias por conta desse histórico patriarcal"
>
> Breno Melaragno

Para Breno Melaragno, as duas leis são necessárias para garantir os direitos da mulher. O professor entende que, pelo histórico brasileiro e pela sociedade patriarcal, o homem é sempre visto como o mais forte da relação.

– As ações afirmativas em prol dos direitos da mulher são necessárias por conta de todo esse histórico e a sociedade patriarcal. Por isso, vejo como importante as leis Maria da Penha e do Feminicídio. Por mais que muitos juristas as critiquem, elas fazem parte da conquista de direitos – afirma.

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra as Mulheres (Convenção Belém do Pará) e a Lei Maria da Penha qualificam como violência contra a mulher qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico. A advogada Elaine de Azevedo Maria, 34 anos, professora do curso de extensão O Universo Feminino nos Direitos Humanos, oferecido pela Pastoral Universitária da PUC-Rio, entende que toda mulher pode ser vítima de violência. Para ela, é um fenômeno social que independe da situação econômica vivenciada.

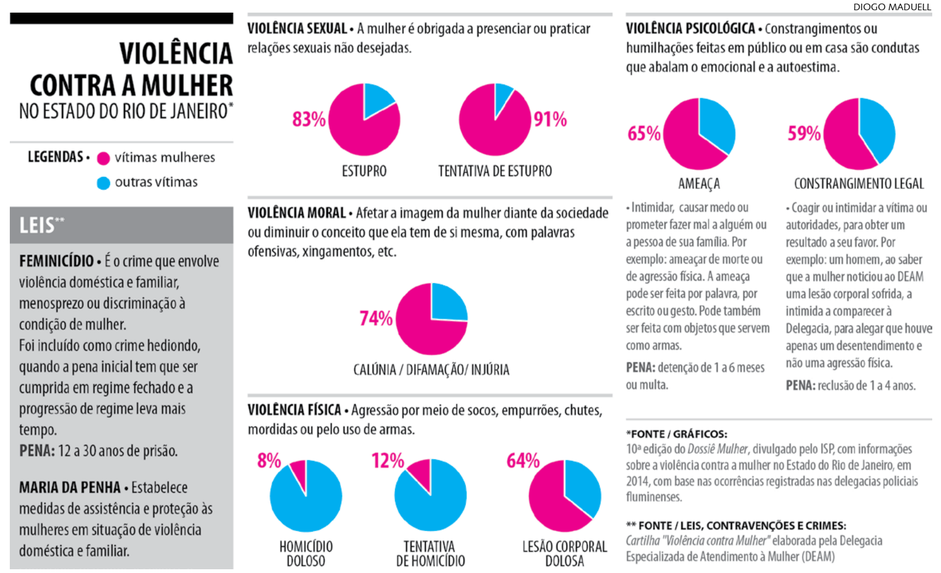
– A violência de gênero não tem correspondência com classe social, com nível de formação. É absurdo como a sociedade critica a vítima. É uma barreira muito grande porque, quando a mulher tem vergonha, a situação se inverte.

Segundo a aluna Marianna Brito, 23 anos, do 7º período de Relações Internacionais, que é integrante do Coletivo de Mulheres da PUC, as pautas do movimento feminista passam por um novo contexto com novas contradições.

– As lutas são outras, embora tenhamos a impressão de que estamos lutando por coisas muito feudais. Você tem que explicar para o cara que ele não pode bater na mulher dele? Isso é um absurdo! A discussão hoje já não vai ser a mesma de quando a mulher não podia votar, por exemplo – relata.

Atualmente, existem instituições de amparo e apoio a mulheres vítimas de violência que estimulam o rompimento do silêncio e a superação da vergonha e do medo. O aplicativo Clique 180 é uma opção que a Secretaria de Políticas para as Mulheres, em parceria com a ONU Mulheres, desenvolveu para buscar informações sobre como agir e denunciar casos de violência. Para Elaine Maria, a educação é a melhor medida de combate à violência de gênero a longo prazo.

– A prevenção é pela educação, e, principalmente, com crianças para a mentalidade da violência contra a mulher não ser propagada.



DIOGO MADUELL

Novidade: Reforma manteve painel modernista do fundo do palco

Beleza e tradição unidas ao conforto

Sala Cecília Meireles é reinaugurada com mais acessibilidade e espaços populares

ALESSANDRA MONNERAT
E ARTHUR MACEDO

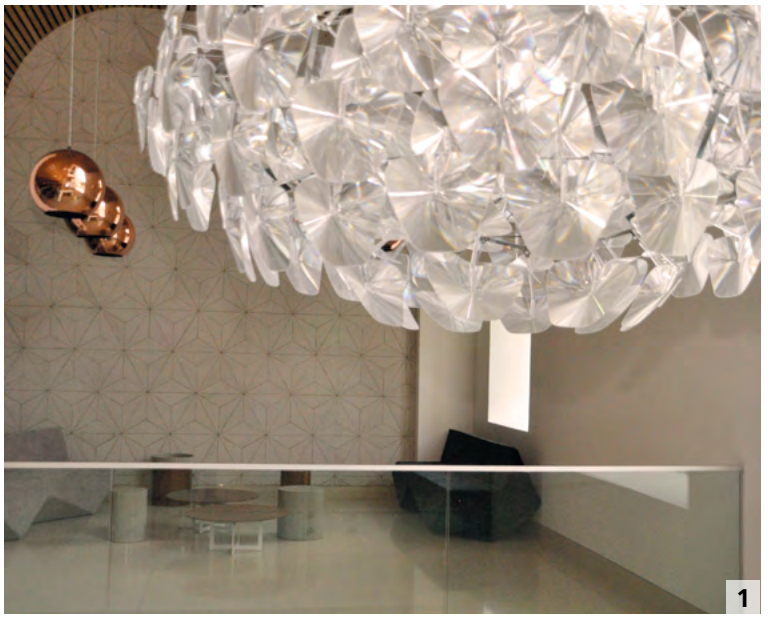
As ondas de madeira do teto da Sala Cecília Meireles, na Lapa, além de embelezarem o ambiente, têm outro propósito: propagar as ondas sonoras da melhor forma possível. Dentro dessa perspectiva, o local foi reinaugurado como o melhor do Brasil e um dos melhores do mundo em termos de acústica. A reforma, que durou quatro anos e terminou em dezembro de 2014, também adicionou um espaço social maior, uma sala de concertos anexa e ferramentas de acessibilidade, como rampas, elevadores e sinais em braile.

Agora, o lugar tem cerca de 740 lugares, com assentos para obesos e espaço para cadeirantes. As mudanças acústicas permitem que qualquer pessoa, em qualquer ponto da sala, ouça a música da mesma forma. As especificidades do espaço foram projetadas para que não fosse necessário nenhum tipo de amplificação. Uma das propostas da reinauguração foi integrar o ambiente externo ao interno, por meio da abertura dos vãos interiores, além da criação de espaços sociais e de uma sala de concertos populares, batizada de Guiomar Novaes.

O único elemento preservado da antiga sala foi o painel modernista do fundo do palco, que serviu como inspiração para o restante da decoração. O diretor da sala, João Guilherme Ripper, aponta o painel como uma das marcas do espaço.

– Nós o mantivemos porque ele é uma assinatura visual da Sala Cecília Meireles. Sempre que as pessoas vêm, mais marcante que a fachada da sala é o painel. Não dá para disfarçar se você fizer uma gravação pirata aqui na Sala Cecília Meireles. Se está com aquele painel, é a Sala Cecília Meireles. Então, nós mantivemos por conta dessa identificação do público e nossa também.

FOTOS PEDRO MYGUEL VIEIRA



1

2

3

1. O lustre e as luminárias de "selfie" dão o charme à decoração do espaço social da sala, uma das novidades da reforma

2. A fachada foi modificada de modo a abrir um vão, que faz uma mediação entre o espaço interno e o externo

3. Painéis ondulados de madeira no teto da sala garantem uma acústica audível a um espectador sentado em qualquer lugar